

HANNAH ARENDT

(2012, 109", França e Alemanha)

Dirigido por Margarethe von Trotta

resenha por Joana Marinho¹

O filme "Hannah Arendt" estreado em 2014 foi realizado por Margarethe von Trotta (natural de Berlim, 1942). A cineasta alemã pertence ao movimento do Novo Cinema Alemão e notabiliza-se sobretudo pela adaptação ao cinema do livro "A Honra perdida de Katharine Blum" pelo qual venceu o Leão de Ouro no Festival de Veneza. Obteve também sucesso o seu filme sobre Rosa Luxemburgo. Podemos afirmar assim que dois temas se destacam no início da sua carreira como cineasta: personagens femininas e o idealismo como escola de cinema. Na verdade, os primeiros filmes de Margaretha von Trotta podem inserir-se numa vertente mais interventiva do cinema alemão dos anos 70 e também de um certo feminismo, no sentido em que as mulheres são sempre as protagonistas nos seus filmes.

A partir de seus filmes mais recentes podemos dizer que von Trotta não abandonou o idealismo da suas obras iniciais, pois este filme sobre Hannah Arendt, a brilhante filósofa alemã, mergulha numa época em que sentimos que ainda havia disponibilidade e entusiasmo pela vida do espírito, em que ainda se devotava a vida à reflexão, ao mundo das ideias. Os anos 60 retratados inserem-se numa época em que o pensamento, a arte e a literatura ocupavam um lugar de relevo e tinham impacto no quotidiano dos cidadãos.

A filósofa alemã nasceu em 1906 em Hannover e viria a morrer em Nova Iorque em 1975. Em 1933 Hannah, o primeiro marido e a família, abandonam Berlim para viver na

¹ Especialista em Relações Internacionais pelo Instituto de Estudos Políticos - Universidade Católica Portuguesa.

França, mas acabariam por ser encarcerados num campo de internamento – o de Gurs – de onde Arendt viria a escapar em 1941, exilando-se nos Estados Unidos. Deu aulas em várias universidades – Princeton, Chicago e Berkeley, mas o filme mostra-a em Nova Iorque na última faculdade em que leccionou – New School for Social Research. Ela e o marido permaneceram apátridas durante 13 anos mas Arendt considerou sempre os Estados Unidos “o paraíso”, o país que a acolheu, escrevendo até os seus ensaios em língua inglesa.

O filme cobre quatro anos fundamentais da vida de Arendt – entre 1961 e 1965. Em 1961, Hanna Arendt escreve a um dos editores da conceituada revista “New Yorker” propondo escrever uma reportagem sobre o julgamento do oficial SS, Adolf Eichmann em Israel. É engraçado ver a maneira distinta como a filósofa é encarada na redacção da revista. A redatora do New Yorker escarnece de Arendt considerando-a “uma daquelas intelectuais europeias”, e encarando-a como um daqueles seres à parte que não cumprem deadlines, enquanto os dois redatores masculinos veem com enorme prazer e honra a autora de “A origem dos Totalitarismos” querer escrever para eles.

O filme começa com a captura do oficial que fugira para a Argentina com a ajuda do Vaticano. A própria captura esteve envolta em polémica por ter sido levada a cabo pela Mossad, a polícia secreta israelita.

Arendt redigiu em cinco fascículos uma análise sobre o mal – onde exporia os seus famosos conceitos – sobre sua origem. Arendt começa por definir as atrocidades cometidas em nome do nacional-socialismo como radicais – “mal radical” mas é ao conhecer os carcereiros e ouvir os seus relatos sem mostrarem remorso, mas principalmente por justificarem os atos como um cumprimento de dever, que Arendt vai chegar ao conceito de “mal banal”. Por este conceito, a pensadora foi sobejamente criticada, mas o julgamento de Eichmann foi um dos pontos-chaves desta sua conclusão.

O fio condutor do pensamento de Arendt em relação ao “mal” é que ele não reside apenas em monstros ou sociopatas como nos ensinam desde a infância. Assistir ao julgamento de Eichmann foi determinante a moldar o seu pensamento em relação a este tema. O mal existe em milhares de pessoas semelhantes a Eichmann: vulgares, medíocres e que cometem crimes hediondos. Tratavam-se de perfeitos “zês ninguéns” enredados em teias burocráticas num país-modelo de administradores em que cada funcionário se limitava a obedecer às ordens sem questioná-las, mesmo que em causa

estivessem crimes. Arendt julgava que o tribunal tinha como propósito julgar um crime em particular, mas este criminoso revelou-se diferente de todos aqueles anteriores aos julgamentos de Nuremberg. Não há nenhum “ismo”, nenhuma ideologia que explique estas atrocidades. Estaremos perante homens que recusaram o ato de pensar. Hannah Arendt defende que Eichmann não tinha nenhum carácter pessoal, não fez nada por iniciativa própria nem teve propriamente intenção nas atrocidades que se seguiram ao prosseguimento dos trâmites das suas funções: ele era responsável pelo transporte dos prisioneiros. Mas outros críticos de Arendt responsabilizaram Eichmann precisamente porque ele sabia o que ia suceder numa fase seguinte, não contestando, não pondo em causa as ordens recebidas, e portanto, igualmente culpado que os superiores hierárquicos.

A conclusão a que Hannah chega é que Eichmann representa o ser humano que se demitiu de o ser, isto é, como alguém racional, capaz de distinguir o bem do mal e se torna capaz de realizar o mal banal – é o homem medíocre que é capaz de atos abomináveis. Ao relacionar Eichmann a “banalidade do mal”, H. Arendt foi mal compreendida e acusada de defender Eichmann.

O filme segue as reações extremas (até ameaças de morte recebeu) pós publicação dos artigos. Hannah Arendt mostrou a sua personalidade férrea ao não fazer concessões na sua análise fria e imparcial. Não temia a censura do “politicamente correto” nem dos amigos e conhecidos da comunidade judaica de Nova Iorque. Nesse sentido vale destacarmos que Hannah Arendt não era a única intelectual de Nova Iorque que projetava para suas ideias um papel maior do que sua vida cotidiana. Assim como contemporâneos como Ayn Rand ou Herbert Marcuse², Arendt se encaixaria bem na ideia de “intelectual público”, aquele intelectual com formação europeia em ciências humanas, sociais não se esqueciam das questões de seu tempo, dos temas que afligiam a coletividade. No caso da Hannah Arendt poderia ser a banalidade do mal assim como para Ayn Rand³ era o coletivismo e para Marcuse a desumanização do capitalismo avançado. Esses intelectuais públicos demonstraram disposição e vocação para participar do debate público não temiam o “debate acalorado” e muitas vezes foram mal interpretados. Se Hannah Arendt passou a ser vista com desconfiança pela

² Herbert Marcuse (1898 – 1979)

³ Ayn Rand (1905 – 1982)

comunidade judaica, Ayn Rand ainda hoje sofre resistência de muitos conservadores e Marcuse também é visto com ressalvas pela Esquerda.

A excessiva polêmica em torno da tese da banalidade do mal aplicada ao caso de Eichmann forçou que outros temas fossem deixados de lado. O principal deles era uma discussão sobre o papel dos líderes judaicos durante o Holocausto. Arendt afirmou que as chefias judaicas não eram isentas de culpa por terem pactuado com as autoridades nazistas, por se terem deixado abalar quando as leis de Nuremberg⁴ entraram em vigor. Arendt defende-se das acusações, alegando que nunca acusou o povo judaico, considerando que os líderes judaicos estavam entre a resistência e a cooperação, se questionando se eles não pudessem ter comportado de forma diferente.

Mas por que é que as reações em torno do ensaio de Arendt sobre o julgamento foram tão fortes?

Precisamos situar o pensamento de Arendt em relação ao sionismo. Ela foi uma das críticas mais ferozes ao sionismo político. Recordemos um episódio ocorrido após a publicação de “Eichmann em Jerusalém”. Gershom Scholem (1897-1982) que era amigo de Arendt, reagiu severamente à publicação dos artigos e escreveu-lhe nestes termos: “Na tradição judaica existe um conceito, difícil de definir e, no entanto bastante concreto, que se chama Ahabath Israel: o amor pelo povo hebraico(...)Em ti, cara Hannah, não encontro vestígios dele”. Ao que Hannah replicou: “Tens toda a razão, não me sinto animada por nenhum amor desse gênero: na minha vida, nunca amei nenhum povo ou colectividade. Amo apenas os meus amigos e a única espécie de amor que conheço e em que acredito é o amor pelas pessoas.”⁵ Esta é a ideia que percorre toda a sua obra, a de que a abstracção é que permite o apagamento do ser humano como tal e por sua vez aniquilação de um povo, no concreto, as atrocidades do Holocausto. A certa altura Arendt afirma perante uma das suas classes de alemão avançado que o mal das sociedades modernas não está no egocentrismo mas sim na capacidade de tornar o ser humano supérfluo e convencê-lo de que é supérfluo antes de o aniquilar. É também este argumento com que Hannah termina a sua palestra nos últimos momentos do filme. Esta parte final é porventura a mais apaixonante quando vemos todo a sagacidade de Hannah Arendt. Ela decidiu convocar uma palestra na faculdade – Hannah deu aulas na New

⁴ As Leis de Nuremberga entraram em vigor em 1935 – durante um comício do Partido Nazista realizado em Nuremberga, foram anunciadas as novas leis que legalizaram muitas das teorias raciais – que retiravam a cidadania alemã dos judeus, proibindo-os de casar ou manter relações sexuais com pessoas de sangue alemão ou descendentes de alemães.

⁵ Guerreiro, António. “O preço de ser Israel” - “Público”, 31 de Agosto de 2014.

School for Social Research até ao fim da vida - para aclarar e refutar as acusações de que estava a ser alvo, nomeadamente de que teria defendido Eichmann. Neste desfecho Hannah é clara nas razões que sustentaram a sua defesa e sustenta sua argumentação de que as autoridades judaicas podiam ter feito mais e mesmo poupado muitas vidas.

Uma das ideias fundamentais da sua grande obra “A Vida do Espírito” (esta obra foi dividida em 3 volumes, mas o último já foi publicado póstumamente, editado pela secretária e fiel amiga, Lotte Köhler) é a de que o ser humano é acima de tudo um ser pensante, crítico, cuja distinção do outro é a capacidade de criar e de fazer surgir na sociedade algo de novo alimentando assim o debate de ideias.

Ao longo do filme, é-nos permitido através de recuos no tempo vislumbrar a relação de uma jovem Arendt com o filósofo e professor Martin Heidegger (1889 – 1976). Vemos como Arendt estava fascinada pelo mestre que lhe dizia “Thinking is a lonely business”. Este revisitar do passado convoca as contradições da pensadora que esteve apaixonada por alguém que por sua vez se fascinou com Hitler. Contudo, o filme também mostra a reação incrédula de Arendt ao discurso de Heidegger quando recebe o prémio atribuído por Hitler. Embora Arendt tenha sido crítica ao projeto sionista, ela foi ativa na *Organização Alemã dos Sionistas* cujo líder era Kurt Blumenfeld que vemos no filme - o amigo israelita que corta relações com Arendt aquando da publicação do artigo.

Ao pensarmos no papel de Hanna Arendt e o impacto que o filme mostra de sua reflexão sobre o Julgamento nos leva a discutir também o papel do intelectual. O próprio tema nos dias de hoje lança controvérsia: o que é que a sociedade pode esperar um intelectual? O intelectual surgiu no final do século XIX em França, ganhando relevo com o “caso Dreyfuss”, o judeu que foi injustamente acusado e fez espoletar ondas de antissemitismo, tema sobejamente explorado por Arendt na sua obra maior “As origens do totalitarismo”.

O filme sobre Hannah Arendt faz-nos trazer à ribalta o papel do intelectual e em como este se distingue do formador de opinião. Deve o intelectual ter um papel público, intervir na sociedade? Deve este pronunciar-se sobre qualquer campo do conhecimento, tornar-se um “tudólogo”, literalmente alguém que se pronuncia sobre tudo? Hoje a expressão “tudólogo” é usada com ironia. Vemos pessoas que sabem muito sobre uma

área intervir sobre outras, o que o escritor e jornalista português, Pedro Mexia⁶ considera um abuso ou desvio de capital intelectual.

Um intelectual é alguém relevante para a sociedade, alguém que consiga projetar a liberdade humana e o conhecimento de forma a abalar o “status quo”, mas sem esquecer que integra essa mesma sociedade e defendendo esse conhecimento num justo equilíbrio entre o público e o privado, como defendeu Edward Said⁷? O pensador José Gil⁸ diz mesmo que o intelectual encarado como aquele que procura um saber maior, desapareceu das nossas sociedades. António Pinto Ribeiro⁹ fala do intelectual como resistente, e lembra épocas anteriores pujantes em que os intelectuais eram portadores de energia e esta definição pode remeter-nos para essa década em Nova Iorque. O que sucede é que hoje passamos de um espaço público reduzido, caracterizado pela escassez, por uma grande selectividade de quem escrevia no público, para o espaço da Internet onde toda a gente pode escrever. A própria esquerda reivindica para si o conceito de intelectual, como alguém “engagé”, isto é, comprometido com causas. E alguma direita evita usar esse termo, usando-o em sentido pejorativo - pense-se, por exemplo, em Irving Kristol, o chamado pai do “neoconservadorismo”.

E o que era um intelectual na cosmopolita Nova Iorque dos anos de 1960 retratada na época de Hannah Arendt no filme de Margarethe von Trotta?

Arendt considera que é a responsabilidade de qualquer ser humano colocar questões, discutir, tentar compreender as raízes do Holocausto e é isso que ela buscou por toda a sua vida. Tentar compreender o caos, o colapso moral num país avançado como a Alemanha. Ela vai repetir ao longo do filme que não está a defender Eichmann mas a tentar compreender os seus atos, e a lógica argumentativa da Defesa, isto é, como conciliar um “zé-ninguém” com atos abomináveis.

Hannah Arendt era uma intelectual, talvez a melhor forma seria qualifica-la como uma intelectual pública, que não fugia da crítica e sua reflexão, segundo notamos no filme era pautada pelas trocas que fazia com as pessoas próximas como por exemplo com Heinrich Blücher - o seu segundo marido, que ela considera o amor da sua vida - e, sua melhor amiga, a escritora Mary McCarthy, e com seu círculo de amigos. A discussão intelectual faz parte da vida deles. Logo no início Heinrich discorda do direito de Israel

⁶ Dois, Público, “O intelectual”, 21 de Setembro de 2014, pp. 15-18.

⁷ Pensador israelita, publicador de uma vasta obra no campo da filosofia.

⁸ Filósofo, ensaísta e professor universitário português.

⁹ Estudiosos português, especialista em teoria da cultura.

julgar o criminoso de guerra e num jantar com vários amigos, entre antigos colegas alemães de faculdade de Arendt, Heinrich argumenta que Israel se quer existia na altura dos crimes, enquanto um dos colegas de Arendt responde que Israel possui um direito sagrado diante dos temas que aflingem os judeus pois a maioria dos sobreviventes vive lá. É também interessante a revelação do lado mais mundano de Arendt ao mostrar-nos o círculo de amigos e a relação carinhosa com o marido (Arendt casou-se em 1929 com Günther Anders e em 1940 com Heinrich Blücher (o casamento duraria até à morte de Heinrich em 1970). Vemos nos encontros com os amigos como a vida intelectual integra a sua vida social e como essas relações tiveram consequências. Arendt integrava o influente círculo de intelectuais e escritores que se reuniam em torno do jornal “Partison Review”. Isto é, a abstração do pensamento de Arendt nunca opera num corte diante de sua personalidade. Observamos Arendt a cozinhar, a jogar bilhar com Mary McCarthy, a escritora e sua melhor amiga.

A certa altura Arendt defende que desde os grandes pensadores da Grécia Antiga que o ato de pensar é encarado como um diálogo silencioso travado “entre mim e eu mesmo”. Ora, Hannah conclui que Eichmann negou o ato mais fundamental da humanidade: o de pensar, e ao demitir o pensar, perdeu a responsabilidade pelos seus atos.

Pensar não é sinonimo de conhecimento, é sim a distinção do bem e do mal, do Belo do Feio. E Arendt conclui que o mal não pode ser simultaneamente radical e banal, só o bem é radical, o mal é sempre extremo e banal porque praticado por pessoas banais capazes de atos extremos.

A grande proeza do filme é conseguir a partir dele refletirmos sobre Hannah Arendt enquanto uma intelectual de seu tempo, uma pensadora que não separar o pensamento ser pensante, isto é, da pessoa que pensa, o que denotámos com a leitura de uma das suas obras maiores: “A vida do espírito”. Portanto podemos concluir que Hannah Arendt seria uma intelectual em sentido lato.

A ideia-base na sua análise do Holocausto e do antissemitismo-absoluto – é que a sua origem está na ausência de pensamento individual, com o corolário de ausência de consciência, logo de culpa dos agentes que perpetuaram os crimes hediondos que todos conhecemos. Esta ideia está também ligada à ideia de abstração do ser humano, no sentido em que Arendt reconhecia que as ideias gerais e abstratas ao tornar o ser

humano uma mera abstração, permitem a sua aniquilação pois o ser humano torna-se uma ideia, um número, e sua eliminação apenas mais uma tarefa burocrática.

Em suma, o filme permite-nos mergulhar numa época anterior à voracidade e efemeridade das notícias, à velocidade da informação, ao narcisismo exposto nas redes sociais e reflectir sobre o papel dos intelectuais. É fascinante assistir à forma como Hannah analisou o julgamento e como lidou com as críticas de que foi alvo. E só por isso já há uma contribuição importante no filme “Hannah Arendt”. Para além disso, Hannah Arendt se torna muito atual diante da dificuldade de se pensar os intelectuais em nosso tempo e sobretudo qual o papel dos intelectuais diante da crítica ou das acusações cada vez mais presentes contra o estado de Israel mas também diante da volta do antissemitismo pelo mundo¹⁰.

¹⁰ Cf por exemplo < <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-volta-do-antissemitismo-imp-1092947> > ou < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/191579-antigo-demonio-assombra-europa.shtml> > . Acessados em 11/11/2014.